

APÊNDICE 6

EXÉRCITO NO DESENVOLVIMENTO

ENSAIO INTERPRETATIVO COM APOIO EM TEORIA DESENVOLVIDA NO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE ASSUNTOS DE HISTÓRIA DAS FTB DO EME

Abordar com profundidade os trabalhos que o Exército realizou após a Independência, e o das Forças Terrestres Brasileiras que o antecederam a partir do Descobrimento, seria tarefa imensa, ainda por realizar, e a ser desenvolvida em alentada bibliografia.

Abordaremos, sinteticamente, o que tem sido a contribuição das Forças Terrestres Brasileiras, em cooperação ao Desenvolvimento da Pátria Brasileira, em seus quase cinco séculos de existência.

Não incluiremos a contribuição do Exército relacionada com a Segurança, traduzida no passado por sua atuação em defesa da Integridade, da Soberania e da Unidade do Brasil durante nossas lutas internas e externas, fatos adversos, intensos e constantes, durante os primeiros 370 anos que se seguiram ao descobrimento, e preocupações das gerações que precederam nossos bisavós.

No afã de preparar-se para prover a segurança da Pátria, na eventualidade de uma guerra interna ou externa, é impositivo para o Exército desenvolver estruturas, tecnologias, cérebros, etc, para estar à altura daquela grande e nobre missão.

Sua cooperação ao desenvolvimento tem decorrido, em grande parte, da colocação, em tempo de paz, daquelas potencialidades a serviço do desenvolvimento brasileiro, postura normal num país em desenvolvimento.

E nossa história registra milhares de casos de cérebros brasileiros preparados pelo Exército, com objetivo de segurança, contribuírem, com os

seus conhecimentos, para o pioneirismo, dinamização e progresso das mais variadas atividades ligadas ao desenvolvimento nacional.

Com esta estratégia, o Exército, ao desenvolver sua capacidade de prover o melhor grau de segurança possível para a nação, beneficia indiretamente o desenvolvimento nacional.

Em contrapartida, em alguns casos, as necessidades de desenvolvimento nacional têm propiciado ao Exército condições para melhor desenvolver sua capacidade de prover segurança.

É o caso, por exemplo, de nossos Batalhões de Engenharia de Construção que desde a proclamação da República tem construído milhares de quilômetros de ferrovias no sul, no centro-oeste, no nordeste e, agora, particularmente, no norte do Brasil, na tarefa de desbravar a Amazônia e integrá-la ao restante do país por rodovias.

E não se entenda o trabalho nestas áreas como concorrência do Exército à iniciativa privada, mas sim, como uma forma econômica para a Fazenda Nacional realizar, a um tempo só, o adestramento das tropas de Engenharia do Exército, cada vez mais essenciais numa guerra moderna, e trabalhos de construção de vias de transportes em áreas menos desenvolvidas, essenciais à sua integração ao centro do poder.

Do contrário, o adestramento das tropas de engenharia do Exército teria que ser feito à base de construção de ferrovias e rodovias inúteis que ligassem “nada a coisa alguma”. Isto seria um luxo ao qual podem se dar os exércitos das grandes potências.

Para melhor compreensão do que abordaremos neste pequeno ensaio, impõe-se o entendimento da seguinte circunstância: Todas as atividades de engenharia no Brasil, por cerca de 3 séculos e meio, foram exercidas por engenheiros militares portugueses e brasileiros. Esta circunstância foi bem caracterizada, em 1857, em relatório do Ministro da Guerra, o futuro Duque de Caxias e atual Patrono do Exército Brasileiro, cuja data de nascimento, foi consagrada como o Dia do Soldado Brasileiro.

Escreveu Caxias, a certa altura, dirigindo-se aos membros do Conselho de Ministros do qual era presidente, ao preconizar a necessidade da criação da engenharia civil no Brasil, fato concretizado no ano seguinte, na Escola Central do Exército, a partir de então, destinada a formar engenheiros civis, lado a lado com oficiais de estado-maior, engenharia e artilharia do Exército: “Atualmente os oficiais do Corpo de Engenheiros do Exército são os únicos que as empresas públicas e privadas podem lançar mão no Brasil para trabalhos de engenharia. É incontestável que existindo uma classe de hábeis engenheiros civis, contratáveis livremente pelas empresas, diminuirá progressivamente a necessidade de engenheiros do Exército, até restringir-se unicamente à da administração militar”.

Desta circunstância, pode-se inferir quão relevante foi a contribuição do Exército, durante quase 4 séculos, em todas as atividades de engenharia.

Enumeraremos algumas contribuições do Exército, fora de sua missão específica na segurança nacional:

1 - Nos estudos da geopolítica do Brasil. Esta entendida como o estudo da influência territorial na arte de ação política do Brasil, aplicada à sua estratégia na paz e na guerra, abrangendo um complexo de conhecimentos geográficos, militares, econômicos, jurídicos etc.

Neste setor, cérebros formados pelo Exército prestaram relevante contribuição, ao lado de civis, todos preocupados com a solução dos grandes problemas nacionais.

2 - Exploração e conhecimento do Brasil. Ontem foram os bandeirantes, saídos de São Paulo, e o capitão Pedro Teixeira saído de Belém, que exploraram e conheceram, em expedições militares, todo o Território Nacional. Após fornecerem os argumentos para a celebração do Tratado de Madrid, de 1750, consagrador, no Direito Internacional, das dimensões continentais do Brasil. Hoje são os batalhões de construção na Amazônia rasgando a selva, entre Cuiabá e Santarém, entre Porto Velho e Manaus e entre Manaus e Boa Vista, para implantarem rodovias. Tudo na tarefa de integrar aquela imensa área, conquistada e preservada há 3 séculos, com enormes sacrifícios, por militares do passado.

3 - Mapeamento do território. Ontem foram as expedições militares demarcadoras dos Tratados de Madrid e de Santo Idelfonso a mapearem os confins da Pátria Brasileira, fundamentos após, para o Barão de Rio Branco, pacificamente, sustentar os direitos territoriais do Brasil. Hoje são os engenheiros da nossa Diretoria do Serviço Geográfico a mapearem em diversas escalas, com objetivos de segurança e desenvolvimento, todo o território pátrio.

4 - Demarcação de limites. Ontem foram as expedições militares de demarcação dos tratados entre Espanha e Portugal. Hoje são as comissões de demarcação de fronteira, integradas por militares do Exército, que realizam a demarcação final de alguns trechos e renovam os marcos atingidos pela ação do tempo, muitas vezes em locais de difícil acesso e insalubres.

5 - Obras contra as secas. É alentada a contribuição do Exército neste setor no Nordeste, a partir da década de 50, traduzida pela construção de diversos açudes na área do Polígono das Secas.

6 - Ação nacionalizadora. Ontem foram os fortes em nossas fronteiras que transmitiram noções de Pátria às populações que se aglutinaram em seu redor. Hoje são os Pelotões de Fronteira, nos locais mais remotos de nossas fronteiras, a transmitir, às populações próximas, lições de patriotismo e uma consciência alta e nobre do destino de grandeza da nação que integram.

7 - Ação integradora de silvícolas. Ontem foram os bravos do Forte de

Coimbra que integraram a nação guerreira Guaicurus ao Brasil. Prestaram estes bravos índios, à sua nova pátria, relevante contribuição. Ajudaram, militarmente, a definir o destino brasileiro no sul de Mato Grosso. É de data recente a magnífica obra, de repercussão internacional, realizada pela Comissão Rondon, de integração de indígenas do Mato Grosso e Amazônia.

8 - Polos de núcleos populacionais. Ontem foram os postos, acampamentos e pousos militares que deram origem a inúmeras cidades. Hoje são os Pelotões de Fronteira, pólos de aglutinação de ilhas sócio-econômicas vivificadoras de nossas fronteiras.

9 - Formação de mão-de-obra. Ontem foram os nossos arsenais injetando na vida nacional grandes levas de artífices que infra-estruturaram os primórdios de nossa indústria. Hoje são nossos batalhões de construção no Norte e no Nordeste, formando e injetando naquelas áreas grandes levas de mão-de-obra especializada, essenciais para a arrancada das mesmas para o desenvolvimento.

10 - Na educação, ensino e pesquisa. No passado, milhares de brasileiros foram alfabetizados nas Escolas Regimentais mantidas em todos os quartéis. Hoje a instituição mantém escolas de diversos níveis que beneficiam o desenvolvimento. Isto através dos colégios militares, e do Instituto Militar de Engenharia, formando grande número de engenheiros civis e militares, e realizando pesquisas de grande interesse para o País.

E, a maior, a Escola Superior de Guerra, destinada à formação de parcela das elites dirigentes do país, contando, desde a fundação, com a colaboração do Exército e de seus integrantes.

11 - Educação moral, espiritual e cívica. Tarefa que o Exército realiza através de seus comandantes, capelães e instruções específicas que beneficiam expressiva parcela da juventude do Brasil que anualmente retorna à vida civil de seus quartéis, tiros de guerra, centros de preparação de oficiais da reserva e colégios militares.

12 - Atuação em calamidades públicas. Tem sido uma constante na vida brasileira a assistência prestada pelo Exército a irmãos brasileiros atingidos por calamidades (enchentes, sinistros e secas). No último caso, no Nordeste, o Exército tem tomado a seu cargo, em convênio com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o trato de parte deste grave problema cíclico.

13 - Ação cívico-social. O Exército tem realizado ultimamente várias dessas operações. Elas objetivam levar assistência social a populações do interior mais necessitadas, nas áreas onde são realizadas manobras militares.

14 - Vigilância das fronteiras. Trabalhos realizados ao longo de toda nossa fronteira por unidades e pelotões do Exército. Atuação relevante, particularmente em nossas fronteiras no Mato Grosso e na Amazônia. Missão de grande projeção na geopolítica do Brasil, objetiva preservar os vazios

demográficos, entre nossas fronteiras no Centro-Oeste e Norte e o Quadrilátero do Poder (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília), de influência ou atrações por pólos de poder de nações vizinhas. É um pesado tributo que gerações de militares do Exército têm pago nesta árdua tarefa, longe do conforto da civilização e de seus benefícios.

15 - Transportes. Ontem foram os bandeirantes e engenheiros militares balizando e abrindo os primeiros e primitivos caminhos de integração. Exemplos: Primeiro caminho ligando Sorocaba ao Rio Grande do Sul e à Colônia do Sacramento; ligação São Paulo à Santos; e a primeira ferrovia brasileira construída por Mauá até Petrópolis, para cuja concretização o Exército concorreu decisivamente. Hoje são os batalhões de Engenharia de Construção do Exército que após contarem com alentado acervo de rodovias e ferrovias construídas, dedicam-se à construção de importantes ferrovias no Sul e no Centro-Oeste e, principalmente, rodovias, na imensa área amazônica.

16 - Comunicações. Ontem foram dois oficiais, os primeiros telegrafistas no Brasil, que operaram a primeira linha telegráfica em 11 de maio de 1851, ligando o Imperador com o Ministro da Guerra. Posteriormente, foram comissões do Exército que integraram ao Centro do Poder, por telegrafia, inúmeras áreas do interior. Tarefa na qual se destacou sobremodo o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, atual Patrono das Comunicações do Exército e do Brasil. Hoje é o Exército por força de necessidades militares, colocando, sobre a forma de cérebros e experiências, o “know-how” que adquiriu, a serviço do desenvolvimento desta atividade no Brasil.

17 - Construção de pontes. Ontem foram as inúmeras pontes sob projeto de engenheiros militares, construídas em todo o território. Como por exemplo, no Estado de São Paulo, a ponte construída pelo engenheiro militar Euclides da Cunha, após consagrado e festejado escritor patricio. Foi o Exército executor da locação dos pilares da monumental ponte Rio-Niterói, ou em ações socorrendo, com suas pontes militares, o restabelecimento do tráfego interrompido por pontes caídas por ação de enchentes. Ilustra o fato, o restabelecimento pelo Exército do tráfego entre o Rio Grande do Sul e o restante do Brasil, quando as pontes do rio Pelotas foram levadas pela correnteza.

18 - Construções em geral. Ontem foram nossos engenheiros militares coloniais e imperiais que projetaram e construíram edifícios, obras públicas e igrejas. Como testemunhas dessa época registre-se entre outras obras: Os Arcos do Rio de Janeiro e a Biblioteca Nacional na mesma cidade; o Palácio dos Governadores, em Ouro Preto; a Catedral de São Pedro, em Rio Grande; o Quartel do Batalhão de Guardas, no Parque D. Pedro II, em São Paulo; e a Escola de Direito, no Recife, etc.

19 - Siderurgia. Em 1818, na Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, próximo de Sorocaba, sob a direção do Exército, houve a primeira corrida de ferro no Brasil. Esta indústria até 1851 fabricou, entre outros artigos, moendas para a indústria açucareira de São Paulo. A primeira usina siderúrgica em Volta Redonda, instalada sob o imperativo da Defesa Nacional, contou, na sua

implantação e direção, com o concurso de um distinto engenheiro militar do Exército que havia realizado curso específico no exterior.

20 - Indústria. No período anterior à vinda da Família Real para o Brasil, onde era proibido fabricar qualquer artigo, foi a Casa do Trem, erigida por Gomes Freire de Andrade e destinada a fabricar material bélico, que se constituiu na raiz da indústria pesada entre nós. Trabalho continuado pelos arsenais militares espalhados em todo o Brasil que atenderam, por muitos anos, múltiplas necessidades da administração civil. Foi a indústria militar que, a partir de 1954, passou a fabricar para a nível Petrobrás, algumas peças indispensáveis à perfuração de poços petrolíferos.

21 - Outras contribuições. A contribuição do Exército não se esgota no que foi aqui exposto. Apenas serve para ilustrar o tema de nosso ensaio. Ela tem sido realizada de forma direta ou indireta, em explorações científicas, na defesa de recursos naturais, na assistência sanitária, no combate a endemias, em pesquisas tecnológicas, nos esportes, na repressão ao contrabando, na colonização do território, na assistência veterinária, na literatura, nas artes e na cultura. Na última, através, principalmente, da Biblioteca do Exército, na difusão de obras relevantes de interesse cultural geral.

E até para a agricultura o Exército tem contribuído. Seja no auxílio, com seus meios, no escoamento de safras agrícolas, seja na própria colheita, como aconteceu em 1973 no Rio Grande do Sul, quando o Exército participou da colheita de cereais, antes que os mesmos fossem atingidos por condições meteorológicas adversas. Aos integrantes do Regimento de Bragança foi dada a missão de implementar e dirigir a Real Feitoria do Linho-Cambraia do Rincão do Canguçu entre 1783 e 1789, em Canguçu Velho, no atual município de Canguçu-RS, para produzir linho - item estratégico para o fabrico de velas e cabos para os navios de Portugal.

Este ensaio foi abordado em palestra em São Paulo para diversos Rotary reunidos, em 1977, e mais tarde venceu concurso promovido pela Military Review e por ela publicado em Nº 4, 4º Trim, 1986: "O papel do Exército no desenvolvimento nacional - o caso brasileiro". p. 64-72.